

## RELAÇÕES ICÔNICO-TEXTUAIS NA LITERATURA DE CORDEL

Os folhetos de cordel brasileiros, com seus múltiplos temas e expressiva forma de composição poética, têm sido objetos de estudos para pesquisadores do nosso país e também estrangeiros. Efetivamente, os textos de cordel poeticamente estruturados, tendo a sextilha como estrofe básica, são ilustrados com xilografuras, clichês de cartões postais, fotografias, desenho, e outras formas de composição gráfica e oferecem farto material para pesquisas, ensejando variadas interpretações que remetem para o contexto sócio-cultural em que se insere cada texto. Assim, os folhetos sobre os mais diversos temas, tradicionais ou contemporâneos, são versejados por inúmeros poetas populares, estabelecendo-se relações icônico-textuais significativas, ou outras intratextuais.

Ressalte-se que os textos de cordel são nitidamente polisotópicos, isto é, estão abertos a várias isotopias, (isossêmicas, isotáxicas, isográficas, isofônicas) aqui entendidas nas concepções de vários semanticistas como A.J. Greimas, F. Rastier, J. Adam e J. Goldenstein:

O conceito de isotopia é proposto por Greimas em sua *Semantique Structurale*:

*"C'est la permanence d'une base classématique hierarchisée qui permet, grâce à l'ouverture des paradigmes qui sont les catégories classématiques, les variations des unités de manifestation ..."* (Op. cit., p. 96).

Referindo-se à narrativa, Greimas explicita a definição de isotopia, considerando-a como um conjunto redundante que torna possível a leitura uniforme da narrativa, eliminando as ambigüidades das leituras parciais dos enunciados, em busca da leitura única.

François Rastier condidera fundamental o estabelecimento da isotopia para análise do discurso. Assim, o conceito de isotopia impõe-se em razão da natureza polissêmica do conteúdo e da necessidade de se operar ao nível transfrástico, tendo em vista a análise do discurso. O texto é, portanto, polisotópico, quando comporta diversas isotopias.

Alargando o conceito de isotopia, J. Adam e J. Goldenstein propõem relações com os dois planos de expressão e conteúdo. De acordo com os diversos "feixes isotópicos" esses dois estudiosos classificam as isotopias, conforme as estruturas do texto, em:

isotaxias (isotopias sintáticas);  
isografias ( " gráficas);

isofonias ( " fônicas);  
isossemias ( " sêmicas).

Interessam-nos, particularmente, as isossemias (isotopias de conteúdo) cujas descrições poderão dar conta, com maior rigor, da significação textual, correspondendo a modos diferentes de ler o texto, implicando diversos níveis de leitura.

Na literatura de cordel há uma grande variedade temática que reflete bem a extraordinária vivência dos nossos vates populares, desde o seu "engagement" com os problemas mais atuais, contemporâneos a cada poeta, até a conservação e transmissão de narrativas inspiradas no imaginário tradicional que nos chegaram através da península ibérica.

Dentro de um *corpus*/amostragem constituído de cerca de dois mil e quinhentos textos de cordel com variados temas, detectamos e selecionamos, em capas de folhetos, impressões (marcas) icônico-textuais, representativas de:

a) sintagmas narrativos disjuncionais e performativos dinâmicos, deslocamentos reiterados e discurso dialógico (nas pelejas, discussões, nos encontros, debates) ou em estórias tradicionais ou contemporâneas, tais como: *A batalha de Oliveiros com Ferrabrás; Carta de satanás a Roberto Carlos; A chegada de Lampião no inferno; Viagem a São Saruê; A chegada da prostituta no céu; Peleja dum embolador de coco com o diabo; Satanás trabalhando no roçado de São Pedro; História do boi misterioso; A moça que dançou com o diabo cantando cintura fina; Futebol no inferno; História de Juvenal e o dragão; O encontro da velha que vendia tabaco com o matuto que vendia fumo; A vida de Pedro Malazarte; Tá faltando pão na mesa do trabalhador; Um sonho com Dona Bárbara, História da Índia Necy; Romance de Iracema, a virgem dos lábios de mel.*

b) qualificações estáticas correspondentes a descrições, retratos, fotos de heróis, heroínas, de paisagens, de imagens de santos, representações gráficas de objetos, que são espécies de recortes visuais em folhetos (com menor freqüência), destacando-se a *História da Donzela Teodora; A cara feia da fome; As aventuras de Pedro Quengo; A pedra misteriosa e os ladrões de Bagdá; O sabido sem estudo; O interrogatório de Antônio Silvino; Prêmio Goethe de Literatura 82; Nossa*

*Senhora Aparecida, padroeira do Brasil; Vida, paixão e morte de Vinícius de Moraes.*

Como se sabe, essa riquíssima e sugestiva expressão literária popular, que encontrou fértil campo no Nordeste brasileiro só pode ser bem compreendida dentro de um contexto cultural mais amplo, envolvendo suas origens européias ou orientais, até a produção atual, de modo a se ter uma visão mais ampla dos seus temas e formas de expressão e das transformações por que vem passando, ao nível da estruturação da narrativa, do discurso e das significativas relações icônico-textuais.

Em estágios de pesquisas sobre literatura de cordel que realizamos em Portugal, na Espanha e França (1981, 1984, 1986, 1987 e 1991 e 1997), verificamos que este tipo de literatura já em extinção na Europa, interessa, apenas, a colecionadores e especialistas.

Os “folhetos de feira” brasileiros têm, indiscutivelmente, suas origens na chamada “literatura de cordel” portuguesa, sendo, evidentemente, mais uma das tradições culturais herdadas da península ibérica, pois em Portugal e na Espanha já era conhecida com esse mesmo nome. Desse tipo de literatura chegam muitas estórias ao Brasil, que aqui se transformaram e ainda continuam alimentando a imaginação do nosso povo.

Numa tentativa de sistematização para estudos, dividimos os folhetos de cordel brasileiros em dois grandes grupos: a) os que versam sobre temas antiqüíssimos herdados da tradição ocidental ou oriental; b); aqueles cujos relatos estão mais diretamente relacionados com o contexto brasileiro e com características basicamente nordestinas.

Nos limites deste trabalho, analisaremos a secular “*História da Donzela Teodora*”, numa versão brasileira recriada por Leandro Gomes de Barros, poeta criativo, com uma produção bastante significativa, de grande divulgação e recepção, considerado, segundo Carlos Drummond de Andrade, como o “rei da poesia do sertão” e a quem fazemos uma justa homenagem, na passagem dos oitenta anos de sua morte (como se sabe, o poeta paraibano nasceu na cidade de Pombal-PB no dia 19/11/1865 e faleceu, no Recife, 4/03/1918).

No Brasil, a tradicional estória de Teodora, donzela-escrava-sábia-bela, que venceu os sábios do rei, livrando o seu amo da falência, cujas origens mais remotas são árabes, vem atravessando os tempos e encantando o nosso povo, notadamente no Nordeste brasileiro. Composta poeticamente em sextilhas, com a criatividade de Leandro Gomes de Barros, a exemplar estória dessa donzela vem tendo grande repercussão, com inúmeras reedições, sugestivamente ilustradas, ora com capas em clichês de cartão postal ora com xilogravuras e, mais recentemente, em policromia, editada pela Luzeiro, em São Paulo. Note-se na relação narrador-leitor (inicial e final), como Leandro, com grande poder de síntese e lisura, não esconde as fontes européias que lhe inspiraram a recriação poética do folheto luso em prosa (tradução do pliego suelto espanhol):

*“Eis a real descrição  
da história da donzela*

*dos sábios que ela venceu  
e a aposta ganha por ela  
tirado tudo direito  
da história grande dela (...)*

*“Caro leitor escrevi  
tudo que no livro achei  
só fiz rimar a história  
nada aqui acrescentei  
na história grande dela (...)  
muitas coisas consultei”*

(In: *História da Donzela Teodora*. Leandro Gomes de Barros. João Pessoa, MEC/PRONASEC-RURAL, UFPb, 1981, p. 1 e p.32).

A sedutora narrativa dessa incomum donzela tem, em síntese, a seguinte fabulação: donzela/escrava é comprada por um rico negociante cristão, húngaro, que mandou educá-la; com sua sabedoria, ela desafia os sábios do rei, numa acirrada disputa, e vence-os, recebendo prêmio em “dobras (moedas) de ouro”, livrando seu senhor da falência, sendo, portanto, admirada e louvada por todos.

Essa narrativa tem como redações castelhanas mais antigas dois códices manuscritos localizados por Hermann Knust e que, segundo Menendez e Pelayo, datam dos fins do século XIII ou início do XIV. Para Câmara Cascudo, a edição espanhola mais antiga é *La doncella Teodor* de 1948, impressa em Toledo, inspirada em *Las mil y una noches* em que já aparece a Douta “Simpatia”. (CASCUDO, 1953, p. 54 - 61).

Em Portugal, continua sendo a de 1712, a primeira edição documentada da *História da Donzella Theodora em que trata de sua grande fermosura e sabedoria*, traduzida por Carlos Ferreira Lisbonense, já mencionada em *Cinco livros do povo*. (CASCUDO, 1953, p. 37-59).

Nos estágios de pesquisas mencionados, conhecemos trinta e três versões européias da estória da Donzela Teodora (normalmente em prosa e, na grande maioria, com capas ilustradas com figuras representando o desafio entre ela e os sábios, na presença do rei). Dessas versões, cinco são espanholas (Toledo, 1498; Saragoça, 1540; Salamanca, 1625; Valência, 1643 e Madrid, 1726. As restantes eram lusas (também em prosa), editadas no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX das quais destacamos as seguintes: Lisboa, 1712, 1735, 1741, 1745, 1758, 1783, 1827, 1852; Porto, 1790, 1839, 1855, 1889, 1906; Lisboa, 1945 e 1956 e, ainda, versões portuguesas editadas no Brasil (São Paulo, 1916 e Rio de Janeiro, 1943). Não obstante a relativa atualidade da edição citada de 1956, em Lisboa, os “folhetos de cordel” portugueses, à semelhança dos “pliegos sueltos” espanhóis e dos “livrets de colportage, na França, são obras raras que só interessam a pesquisadores e colecionadores. Registre-se, também, a versão lusa, excepcionalmente em quadras, *Nova história da Donzela Teodora*, afastada do tema.

No Brasil, sucederam-se inúmeras edições da estória desta invulgar Donzela, nas décadas de vinte a oitenta: em João Pessoa, Popular Editora, aprox.

1918/20; no Recife, nos anos quarenta, publicadas pelo tradicional editor João Martins de Athayde que comprara à viúva de Leandro os direitos autorais desse poeta; em Juazeiro do Norte, circularam várias (conhecemos as datadas de 1950, 1954, 1964, 1993, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980), editadas, inicialmente, por José Bernardo da Silva/Tipografia São Francisco (que comprou os direitos autorais a João Martins de Athayde) e, posteriormente, por seus filhos, filhas, viúva e seu neto, o excelente poeta e xilógrafo Stênio Dinis.

No confronto que fizemos entre versões espanholas, portuguesas e brasileiras da estória da D.T., constatamos que o texto luso está bem colado ao espanhol, correspondendo a uma tradução literal deste, que, por sua vez, difundira-se na península ibérica. Já os textos dos folhetos de cordel brasileiros, embora conservem a mesma estrutura profunda da narrativa, possuem um discurso criativo, sendo versejados no ritmo agradável da sextilha; guardam, contudo, em alguns tópicos, relações com o discurso tradicional português. (ver, na bibliografia, “*Estórias do imaginário tradicional na literatura de cordel brasileira*”).

Vejam-se, a seguir, alguns momentos desta exemplar estória, numa espécie de fio condutor da narrativa, com textos semelhantes em diversas edições brasileiras (referenciadas no final da bibliografia deste trabalho), havendo, normalmente, apenas algumas variações ortográficas. Assim, evidenciamos, depois da abertura da narrativa (“*Eis a real descrição...*” já citada anteriormente), as seguintes estrofes:

*“Andando um dia na praça  
numa porta pode ver  
uma donzela cristã  
ali para se vender  
o mercador vendo aquilo  
não pode mais se conter*

*Tinha a feição de fidalga  
era uma espanhola bela  
ele perguntou ao mouro  
quanto queria por ela  
entraram então em negócio  
negociaram a donzela”*

(In: *História da Donzella Theodora*, aprox. 1918/20, p. 1);

*“O húngaro conheceu nela  
formato de fidalguia  
mandou educá-la bem  
na melhor casa que havia  
em pouco tempo ela soube  
o que ninguém mais sabia”*

(In: *História da Donzela Teodora*, 1954, op. cit., p. 2);

*“Disse o mercador El-Rei  
não é caro esta Donzela  
dobrado a esta quantia  
gastei para educar ela*

*excede a todos os sábios  
a sabedoria dela”*

(In: *História da Donzela Teodora*, 1950, op. cit. p. 8);

*“O rei então disse a ela:  
donzela podes partir  
dou-te a palavra de honra  
farei-te o que exigir  
de tudo que pertencer-me  
poderás tu te servir”*

(In: *História da Donzela Teodora*, 1964, op. cit. p. 30);

*“O rei pensou que a donzela  
pedisse para ficar  
tanto que se arrependeu  
de tudo lhe franquear  
mas a palavra de rei  
não pode se revogar”*

(In: *História da Donzela Teodora*, 1973, op. cit. p. 31);

*“Mandou dar-lhe o dinheiro  
discutiu também com ela  
ficou ciente de tudo  
quanto podia haver nela  
e disse: vinte mil dobras  
não pagam esta donzela*

(In: *História da Donzela Teodora*, 1976, op. cit. p. 31);

*“Voltou ela e o senhor  
à sua antiga morada  
por uma guarda de honra  
voltou ela acompanhada  
o senhor dela trazendo  
uma fortuna avultada”*

(In: *História da Donzela Teodora*, 1980, op. cit. p. 31);

*“Ficaram todos os sábios  
daquilo impressionados  
pois uma Donzela escrava  
vencer três homens letrados  
professores de ciências  
doutores habilitados”*

(In: *História da Donzela Teodora*, 1981, op. cit. p. 31);

Segue-se o fechamento da narrativa (“Caro leitor escrevi...”), em comunicativa relação narrador-leitor, já mencionada anteriormente.

Ressalte-se, ainda, a existência de uma versão brasileira da Teodora (datilografada), incluída nos Fundos Villa-Lobos, no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (recolhida e doada por Mário de Andrade) que, embora com algumas variações nas catálises narrativas, conserva, basicamente, a mesma estrutura profunda, transmitida através dos séculos.

Outra versão importante foi versejada por Antônio Teodoro dos Santos, “O Poeta Garimpeiro”, basicamente fiel ao tema tradicional, publicada pela editora Prelúdio, em São Paulo, no ano de 1960.

Em 1981, essa sugestiva estória foi republicada pelo MEC-PRONASEC-RURAL, através do Projeto da Biblioteca da Vida Rural Brasileira do qual participamos juntamente com vários pesquisadores, contando-

se, também, com a co-participação de editoras populares e que teve como objetivos primordiais a difusão de textos em Escolas de 1º. e 2º. Graus na zona rural do Estado da Paraíba, com ótima repercussão.

Servindo-nos da teoria greimasiana, notadamente no que diz respeito aos sintagmas narrativos (contratuais, disjuncionais e performanciais), considerando o modelo de arquétipo narrativo do anti-herói, organizamos a estória da D. T. em macro-sequências:

**INTRODUÇÃO:** O narrador introduz a descrição-narração;

**SITUAÇÃO INICIAL:** compra da donzela (escrava) pelo bom e rico mercador; exaltação às qualidades da Donzela: fidalga, espanhola e bela; o mercador manda educá-la e ela se torna excepcionalmente sábia.

**SITUAÇÃO DE DESEQUILÍBRIO:** falência do mercador.

**CONTRATO 1:** proposta da Donzela - ser vendida ao Rei Almançor para salvar seu amo da falência.

**CONTRATO 2:** contraposta do Rei - disputa entre Teodora (mulher-escrava) e os 3 sábios do Rei (homens letrados).

**1ª PROVA:** A Donzela enfrenta e vence o 1º sábio. Consequência glorificante p/ Teodora e deceptiva para o sábio.

**2ª PROVA:** a Donzela enfrenta e vence o 2º sábio. Consequência glorificante para ela e deceptiva para o 2º sábio.

**CONTRATO 3:** aposta entre Teodora e o 3º sábio (Abraão de Trabador): o vencido ficará despido como nasceu.

**3ª PROVA:** Donzela vs Abraão de Trabador. Consequência glorificante para Teodora e deceptiva para ele que fica semi-despido, apenas, pagando à Donzela o acréscimo de cinco mil dobras de ouro).

**CONTRATO 4:** palavra de honra do Rei (dar à Donzela o que esta lhe pedir).

**PRÊMIOS:** O Rei dá à Teodora mais dez mil dobras de ouro; a donzela-escrava e seu amo regressam ricos e felizes para casa.

A estrutura profunda, formada pelas antinomias básicas (SABEDORIA vs IGNORÂNCIA; JUSTIÇA vs INJUSTIÇA e HONRA vs DESONRA) que são de caráter universal, associadas aos traços marcantes da oralidade, à recorrência aos enigmas e adivinhações, ao processo de escritura e reescritura, à diversidade de editoras, vêm assegurando a permanência dessa sedutora estória, independentemente das peculiaridades regionais das diferentes comunidades (espanhola, portuguesa e brasileira) por onde ela tenha traçado uma trajetória.

No significativo percurso editorial da estória da D.T., constatam-se variadas relações icônico-textuais, nas sucessivas edições (de vinte a oitenta). Assim é que o texto se mantém inalterável nas versões brasileiras (com ligeiras modificações textuais), mas com sensíveis variações de capas, inicialmente em vinhetas, depois em clichê de cartão postal (um mais antigo e outro novo, utilizado mais recentemente), com

a figura de uma cândida e bela moça abraçada a um buquê de flores, símbolo metassêmico dos modos de ser dessa actante-heroína, com as qualificações de donzela-escrava-sábia-bela-grata); o postal mais antigo foi adaptado, em madeira, para um xilogravura sem assinatura; diferente das anteriores, a capa aparece colorida (em policromia), com uma bela moça (reprodução do retrato de Miss Brasil) em reedições pela Luzeiro, em São Paulo. (Ver edições da D.T. no final da Bibliografia).

Mas, ainda nos resta uma indagação Por que, na re(criação) dessa estória cheia de confrontos, debates, tão rica, portanto, de sintagmas performanciais dinâmicos, o ilustrador elegeu uma isotopia (metassêmica, é bem verdade) mas de caráter estático (com qualificações, "modos de ser" da donzela)? Talvez possamos entender esta opção do ilustrador (editor e/ou xilógrafo), se considerarmos a grande popularidade dessa tradicional estória de Teodora cujo nome significa "dádiva de Deus", heroína perfeita, instaurada por um estatuto, cujo suporte sêmico é o bem, investida de duplo poder (o material = BELEZA + RIQUEZA e espiritual = SABEDORIA + GRATIDÃO) e que vem tendo grande aceitação, no Nordeste brasileiro, onde o povo é sensível não apenas à emulação do confronto, do debate, mas à beleza e aos ideais de justiça e honradez, ressaltando-se, também, a grande recorrência à moralidade (contar, recontar para ensinar), uma das funções primordiais das narrativas de cordel.

Enfim, sem pretendermos exaurir as possibilidades de abordagens dos textos analisados, podemos concluir que, as construções icônico-textuais, formando uma riquíssima tessitura em folhetos de cordel seja com temas do imaginário tradicional ou daqueles comprometidos com o contexto contemporâneo, imbricadas com arquétipos (arquimodelos) narrativos, compõem um vastíssimo universo semiótico "sui generis" na polisotópica literatura de cordel brasileira.

## Bibliografia

ALMEIDA, Átila e ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário biobibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. João Pessoa, Editora da UFPb, 1978, 2 v.

\_\_\_\_\_. *Dicionário biobibliográfico de poetas populares*. 2 ed. ampl. e reformulada. Campina Grande: UFPB - Campus II, 1990 (v.2 e v.3).

BORGES, Francisca Neuma Fachine. *Estruturação e isossemias da História de João de Calais*. João Pessoa: Mestrado em Letras da UFPB, 1979. (Dis. de Mestrado).

\_\_\_\_\_. Literatura de cordel: das origens européias à nacionalização brasileira. Rev. *Berichte*, Salzburg, n. 6, p. 34 - 49, 1983.

\_\_\_\_\_. A função metapoética na literatura de cordel. Rev. *Educação e Cultura*, João Pessoa, SEPB, (14): 23 - 38, jul./ago./set.. 1984.

- \_\_\_\_\_. Estórias do imaginário tradicional na literatura de cordel brasileira. In: BIRNER, A. (Org.). *Volsbuch - Spiegel seiner Zeit*. Salzburg, n. 7, p. 35 - 49, 1987.
- \_\_\_\_\_. Teodora: donzela-escrava-sábia-bela. *Correio das Artes*, João Pessoa, 12 jul. 1987.
- \_\_\_\_\_. Estória de João de Calais: oralité e réécriture dans la littérature de colportage. In: *COLLOQUE de Littérature Orale, Traditionnelle /Populaire*; actes du Colloque. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1987, p.385- 398.
- \_\_\_\_\_. Poesia de cordel: a resistência heróica dos autores. *Correio da Paraíba*. João Pessoa. 8 de out. 1989.
- \_\_\_\_\_. *Literatura popular nordestina*. Recife, MEC/Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978 (Col. Folclore n° 61).
- \_\_\_\_\_. Polisotopia e arquétipos narrativos na literatura de cordel. In: ANAIS; IX Encontro Nacional da ANPOLL. Caxambu: ANPOLL, 1995, v. 1, Letras, p. 479 - 491.
- \_\_\_\_\_. Literatura de cordel: um banco de dados no Brasil. In: EURO-AMÉRICA: uma realidade comum? Coordenador: Braúlio do Nascimento. Rio de Janeiro: Comissão Nacional de Folclore/IBECC/UNESCO, Tempo Brasileiro, 1996, p.111-132.
- BRAGA, T. *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1985, 2 v.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- DIÉGUES JR, Manuel. Ciclos temáticos na literatura de cordel. In: MEC/FCRB. *Literatura popular em verso*; estudos. Rio de Janeiro, MEC/FCRB, 1960, p.1-151.
- SARAIVA, Arnaldo. *Literatura marginalizada*. Porto: Rocha/Artes Gráficas, 1975, p.114-120.
- Consultamos, também, as seguintes obras, como suporte teórico:
- ADAM, J. e GOLDENSTEIN, J. *Linguistique et discours littéraire*. Paris: Larousse, 1976.
- BACHTIN, M. *Estética e romance*. 2 ed. Torino: Einaudi, 1979.
- GENETTE, Gerard. *Introduction à l'architexte*. Paris: Seuil, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.
- GREIMAS, A. J. "Pour une théorie de l'interprétation du récit mythique". In: \_\_\_\_\_. *Du sens*. Paris: Seuil, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Semantique structurale*. Paris: Larousse, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Semiotique narrative et textuelle*. Paris: Larousse, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Semiótica do discurso científico. Da modalidade*. Prefácio e trad. de Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Difel, SBPL, 1976.
- RASTIER, F. *Systematique des isotopies*. In: GREIMAS, A. J. et alii. *Essais de semiotique poetique*. Paris: Larousse, 1972, p. 82 - 100.
- REIS, Carlos. e LOPES, Ana C. M. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1987.

## Notas

1. A escolha do *corpus* foi feita no *Dicionário bibliográfico*..., op. cit.; no acervo do Programa de Pesquisas em Lit. Popular/UFPB e na nossa coleção particular.

Consultamos, ainda:

Nosso Projeto: "Memória em Literatura de Cordel: um arquivo computadorizado" (Banco de Dados de Literatura de Cordel) que desenvolvemos desde 1992, com assessoria técnica do engenheiro eletrônico Francisco Fechine Borges, Amauri Melo, expert em pesquisa computacional e graduando em Administração e do art-illustrador Eduardo Fechine Borges; com colaboração dos professores-pesquisadores Braúlio do Nascimento e Roberto Bejanmin;

BORGES, F. Neuma Fechine. "Roteiro bibliográfico de estórias tradicionais da literatura de cordel e littérature de colportage" (anexo ao *Relatório de pesquisas sobre literatura de cordel em Portugal, Espanha e França - 1981*), como Bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian. João Pessoa: 1981.

2. Versões brasileiras em verso da "História da Donzela Teodora" que consultamos (pertencentes à nossa coleção particular):

*Historia da Donzella Theodora (completa e rimada)*. S. ind. autor. João Pessoa: Popular Editora, s.d. 31 p. (aprox. 1918/20). (Capa: com vinheta).

*Historia da Donzela Teodora*. S. ind. autor. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva,(ed. Prop.), 1950. 32 p. (Capa: postal ant.).

*Historia da Donzela Teodora*. S. ind. autor. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva,(ed. Prop.), 1954. 32 p. (Capa: postal ant.).

*Historia da Donzela Teodora*. S. ind. autor. Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva,(ed. Prop.), A Tip. São Francisco, 1964. 32 p. (Capa: postal ant.).

*História da Donzela Teodora*. João Martins de Athayde. Juazeiro do Norte: Filhos de José Bernardo da Silva (prop.), Tip. São Francisco, 1973. 32 p. (Capa: xilo s. as.).

*História da Donzela Teodora*. João Martins de Athayde. Juazeiro do Norte: Filhas de José Bernardo da Silva, 1975. 32 p. (Capa: xilo s. as.).

**História da Donzela Teodora.** Leandro Gomes de Barros. Juazeiro do Norte: Filhas de José Bernardo da Silva, 1977. 32 p. (Capa: xilo s. as.).

**História da Donzela Teodora.** João Martins de Athayde. Juazeiro do Norte: Filhas de José Bernardo da Silva, 1977. 32 p. (Capa: xilo s. as.).

**História da Donzela Teodora.** João Martins de Athayde. Juazeiro do Norte: Filhas de José Bernardo da Silva, 1978. 32 p. (Capa: postal novo).

**História da Donzela Teodora.** João Martins de Athayde. Juazeiro do Norte: Filhas de José Bernardo da Silva, Lira Nordestina, 1980. 32 p. (Capa: postal novo).

**História da Donzela Teodora.** Leandro Gomes de Barros. João Pessoa, MEC/PRONASEC-RURAL, UFPb, Lira Nordestina, 1981. 32 p. (Capa: postal novo).

**História da Donzela Teodora.** Leandro Gomes de Barros. São Paulo: Luzeiro, s.d. 31 p. (Capa em policromia).